

Título: **Subjetividades na era digital e ética da psicanálise.**

Autor: Octávio Carrasco.

A psicanálise trabalha com o real dos restos que constituem o sujeito da ciência. Restos que hoje, na era digital, são o complemento circunstancial das ofertas de certezas que inundam o mercado de objetos e discursos. Um desses restos, talvez o mais indomável - ainda- é a angústia. Assim, como na primeira globalização ocorrida na época dos descobrimentos das Américas, do Renascimento, de Gutenberg e seus personagens, da razão abrindo caminho no escuro com Copérnico e Descartes à frente, desde então sua outra face foi a instauração da melancolia como o mal espiritual de seus contemporâneos (Burton, 2015/1621). Assim, como naquela antiga e primeira expansão da humanidade, na atual globalização a angústia é a convidada de pedra na festa do consumo global. Esse resto da angústia é esse nada, *um* nada como diria Lacan, que se torna muito real quando a queda de um ideal desmorona individual e coletivamente. Curiosa cadência do destino da modernidade e da pós-modernidade: quanto mais a humanidade se esforça para sustentar com fruição a pulsão tecnológica -de morte-, mais desse nada da angústia emerge como sua sombra. Sintoma entre a pulsão tecnológica no fluxo desrespeitado do mais de gozar e a angústia da fissura do mito individual do neurótico, ou seu próprio nada.

No alvorecer do século das guerras -onde se atualizou o ser para a morte (de Heidegger) de forma atroz-, a psicanálise abre um caminho diferente, mas incluído no sujeito da ciência: dá lugar ao neurótico como cidadão com direito à seu sintoma para extrair dele um saber de si, um saber inconsciente que comumente é negado. Esse *lugar* é posto em ato justamente na transferência, essa manobra -reconhecida e descoberta por capítulos- que permitiu a Freud (1994/1898) distinguir entre as neuroses atuais -ou neuroses "puras"- (neurastenia, neurose de angústia, neurose de destino, neurose de guerra) e as psiconeuroses de defesa: histeria e obsessão.

Nomeou o primeiro grupo de neuroses atuais porque, no momento da consulta, os pacientes estavam diretamente submetidos aos fatores patogênicos e traumáticos que os adoeciam. Alguns deles conseguiram estabelecer vínculos significativos com sua história infantil e relacioná-los com seu sofrimento, mas se cruzaram aquele Rubicão, deixaram de ser classificáveis como neuroses atuais, para se tornarem o que hoje entendemos como neuroses de transferência.

Com efeito, o segundo grupo de neuroses, genuinamente descoberto por Freud, é aquele que mais facilmente poderia estabelecer esses significantes entre o presente e os restos inconscientes do sujeito, em sua atemporalidade e infinitude - uma questão muito importante se, por exemplo, se trata de fobias: ali o espaço é aquilo que sempre pode ser infinito mesmo com um limite, principalmente se a pulsão escópica estiver em jogo.

A sexualidade reprimida das histéricas de Freud foi o primeiro exemplo clínico do enodamento entre o ato analítico da escuta, o laço transferencial que o sustenta, e o discurso que se dá a conhecer como letra de autor nesse outro ato que denominamos de discurso da psicanálise. As histórias de Freud são romances analíticos do sujeito e de seu mal-estar *da* cultura (não se trata apenas de mal-estar *na* cultura), onde a instituição do ser para o sexo que enoda prazer, gozo e desejo, falha. A sexualidade hipertrófica da histérica encenou as ruínas mentais dos médicos alienistas - e também de outros -, conforme ilustrado nas apresentações de pacientes de Charcot. Claro, a encenação não incluía necessariamente um lugar importante à palavra do histérico. E digo do histérico porque embora parte da palavra tenha sido registrada das histéricas antes de Freud, a palavra atuada mas não dita e não escutada é do próprio desejo dos homens da ciência em relação ao corpo erótico da histérica e sua demanda exposta à ceu aberto. De fato, quando o homem da ciência procede com seu método, ele põe em ação uma das funções do sintoma obsessivo: ao dizer a verdade, ele mente. O que pouco antes era domínio dos padres, na substituição de paradigmas após o Iluminismo, ficou do lado da ciência. Se antes o domínio sobre o corpo feminino era distribuído entre mãe (comunhão do homem com a Igreja),

esposa (cópula do homem com a mulher), irmã-freira (compaixão com a mulher solteira), puta (conflito do homem com o anticristo: a carne), bruxa (angústia do homem antes de conhecer o oculto) ou possessa (desânimo do homem diante do êxtase feminino), com a ciência acrescenta-se um mais: a histérica, que tem um pouco de todas elas com um plus de gozo : há de trabalhar. Há de trabalhar para cumprir com sua condição de objeto idealizado -que hoje parece ser uma condição necessária para sustentar a imagem de prazer infinito que a pornotopia de mercado oferece como consumo de prazer-, e ao mesmo tempo denuncia que isso falha. Qual falha personifica a histérica? O fracasso da relação sexual. Uma falha que promove sua repetição na forma da regulação do gozo que toda operação de descarga de prazer implica. Falha que sem a mediação do desejo entre gozo e prazer, faz do sintoma seu modo de expressão, de evocação e convocatória ao Outro que não necessariamente escuta.

O habilitação para a escuta -do outro e de si-, essa superação realizada por Freud, não apenas implicou um reordenamento das neuroses, mas a fundação de um método que se pretende dar lugar aos significantes reprimidos do sujeito, estabelecendo uma abertura à querer saber de si mesmo, de sua novela familiar, de seu mito individual, de suas relações objetais, sem medo ao esquecido, pois uma das primeiras observações de Freud sobre o sofrimento neurótico é justamente o sofrimento das reminiscências. Esse padecer é justamente o passo de sentido entre as neuroses atuais e as possíveis neuroses de transferência - à construir, sempre à construir, como um frágil castelo de cartas.

Passo de sentido que só pode ser navegada com uma série de re-significações com supletoriedad dos significantes do sujeito (nachträglich disse Freud, ou après coup de Lacan). Essas re-significações são a diferença determinante entre a pura memoração e a reelaboração, entre a série infinita do sintoma neurótico e o sinthóma que propõe o fim da análise.

Para concluir, gostaria de explicitar o quanto essa diferença entre neuroses atuais e neuroses de transferência me parece pertinente - para o nosso tempo. Revisando minha clínica, preparando o que ia dizer para esta ocasião, procurei centrar-me nas tarefas clínicas que mais frequentemente me têm demandado em apresentações sintomáticas nos 30 anos em el alho de la clínica. Possivelmente muito influenciado pelo que será de nós depois da pandemia, fui forçado a repetir muitos inícios de tratamentos – alguns dos quais viraram análise – onde a angústia e a evitação do outro dominaram o sofrimento do sujeito. A singularidade de cada situação nos impede de ir muito além das apresentações, que não são muito mais que isso, mas também não são algo desprezível, pois nessas repetições vemos algo daquele mal-estar *da* civilização que nos habita topologicamente por dentro e *por fora*, extimamente.

Produzir esse passo de sentido do sofrimento real -atual, esse que está sempre aí, ao querer saber de seu sintoma, é o movimento mesmo que propõe a transferência simbólica; estando advertido de que a roupagem imaginária com a qual o analista será investido é o alimento da resistência.

Referências:

Freud, S. (1994/1898). Sexualidade na etiologia das neuroses. OC Amorortu.

Burton, Robert (2015/1621). Anatomia da melancolia. Aliança.